

DOMINANDO
O RAIO

Silvino Bastos

DOMINANDO
O RAIO

Itabuna / Bahia, 2010.



Via Litterarum
EDITORA

Copyright © 2010, Silvino Bastos
Todos direitos desta edição reservados à
VIA LITTERARUM EDITORA
Rua Rui Barbosa, 934 – Térreo – Centro
Itabuna – Bahia, Brasil – 45600-220
Tel.: (73) 4141-0748 :: vleditora@gmail.com
www.vleditora.com.br www.quiosquecultural.com.br

*Caso queira comentar a ideia ou emitir sua opinião sobre o livro,
escreva para silvino@autoresseletores.com*

REVISÃO

Rita de Cássia Pedrosa Silva Bastos

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Marcel Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B327 Bastos, Silvino.
Dominando o raio / Silvino Bastos. – Itabuna : Via
Litterarum, 2010.
224p.

ISBN: 978-85-98493-75-6

1.Ficção brasileira. I. Título.

CDD – 869.93

Ficha catalográfica : Elisabete Passos dos Santos CRB5/533

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,
por qualquer meio, total ou parcial, constitui violação da lei n 9.610/98.

APRESENTAÇÃO

Esta é uma história de ficção científica escrita com o objetivo de transmitir uma ideia que para mim é perfeitamente realizável: Aproveitar a energia dos raios!

Mesmo parecendo loucura, pois o raio é uma das maiores forças da natureza, a captação dos raios não é impossível.

Pode ser perigosa, concordo. Talvez seja tão perigosa quanto manipular átomos, explorar o espaço ou prospectar petróleo a milhares de metros de profundidade no oceano, não mais do que essas atividades já realizadas pelo homem há muitos anos.

A energia dos raios é totalmente limpa, renovável, ecologicamente correta e nos é dada pela natureza.

Ela, literalmente, **cai do céu!**

Com certeza, não é uma tarefa fácil. Se fosse, já estaria sendo explorada.

Tal como Julio Verne fez tempos atrás, meu objetivo é fazê-lo(a) pensar nessa ideia e, quem sabe, motivá-lo(a) a estudar esse intrigante assunto.

Um incentivo maior é o fato de saber que o Brasil é uns dos locais onde mais caem raios em todo o mundo.

Desejo a você uma boa leitura.

Silvino Bastos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - MEMÓRIAS	9
CAPÍTULO 2 - PESCARIA.....	14
CAPÍTULO 3 - ACIDENTE.....	20
CAPÍTULO 4 - TRAUMA E RECUPERAÇÃO	26
CAPÍTULO 5 - VOLTA À ROTINA.....	32
CAPÍTULO 6 - IDEIA	38
CAPÍTULO 7 - INTERRUPÇÃO.....	44
CAPÍTULO 8 - RAIO.....	49
CAPÍTULO 9 - NOVA INTERRUPÇÃO.....	55
CAPÍTULO 10 - ESTUDOS	61
CAPÍTULO 11 - PLANOS.....	67
CAPÍTULO 12 - PREPARATIVOS.....	74
CAPÍTULO 13 - TUPÃ I.....	84
CAPÍTULO 14 - ANTECIPAÇÃO.....	91
CAPÍTULO 15 - A EXPERIÊNCIA.....	105
CAPÍTULO 16 - EMERGÊNCIA.....	126
CAPÍTULO 17 - RECUPERAÇÃO	146
CAPÍTULO 18 - SABOTAGEM.....	157
CAPÍTULO 19 - NOVA EXPERIÊNCIA.....	176
CAPÍTULO 20 - INAUGURAÇÃO.....	198

CAPÍTULO 1

MEMÓRIAS

– CONTINUE OLHANDO PARA FRENTE E MANTENHA SUAS MÃOS NO VOLANTE!

Aquela mensagem fria interrompeu os pensamentos de Alice.

Ela aguardava o sinal abrir e estava totalmente distraída, imaginando qual seria o melhor trajeto para a escola de Luiz, a tempo de lá deixá-lo antes do início das aulas. Sua distração era tal que não se apercebeu da chegada de uma moto com dois homens, ambos armados.

Alice já havia sido assaltada diversas vezes e adquirira considerável experiência sobre como agir naquela situação. Seguiu as ordens do assaltante, mantendo suas mãos ao volante sem olhar para nenhum dos lados. Suas expectativas eram de que, como das vezes anteriores, os assaltantes mandassem que ela saísse lentamente do carro, pegasse Luiz no banco traseiro e se afastasse, sem olhar para trás.

A situação espantou Alice quando, ao invés do esperado,

um dos homens dirigiu-se para o banco de trás e sentou-se ao lado de Luiz , apontando-lhe uma arma. Alice sentiu seu sangue gelar ao ver seu filho sob ameaça. Mesmo tentando manter a calma, começou a transpirar copiosamente, dando sinais visíveis de desespero. Tentou em vão controlar sua respiração, buscando uma forma de acabar logo com aquela situação:

– O senhor pode levar o carro e tudo que há nele, mas deixe eu e meu filho irmos embora – disse ela, complementando – Dou-lhe a minha palavra que não faremos nenhum tipo de registro policial, apenas peço-lhe que nos deixe ir.

A resposta aumentou mais ainda sua visível inquietação:

– Não é o carro que queremos e muito menos o que tem nele. – disse o marginal – Nós queremos vocês dois, cujo resgate poderá nos render umas mil vezes o valor desse carro.

Alice viu tudo girar ao seu redor mas, ao sentir a arma fria em sua nuca, recobrou rapidamente a consciência, falando para si mesma que a última coisa que poderia fazer naquela hora seria desmaiar. A vida de seu filho e a sua dependiam do seu autocontrole.

Naquele momento milhares de coisas passaram pela cabeça de Alice, desde tentar negociar com o bandido até acionar o alarme do rastreador satélite, instalado em seu carro para aquele tipo de situação. Mas, com o pensamento bastante confuso, ela não achava lógica em nenhuma das ações que conseguia imaginar. Para cada uma delas, Alice imaginava o que poderia dar errado e acabava desistindo.

Assim que o sinal abriu, o sequestrador ordenou que se guiasse em frente. Enquanto dirigia, Alice imaginava como poderia resolver o mais rápido possível aquela situação. Silenciosamente, ao mesmo tempo em que dirigia, fazia suas preces pedindo para que tudo acabasse bem e o mais rápido possível.

Sua preocupação aumentou quando Luiz começou a

chorar. Ela temia que o marginal pudesse fazer algo de mal ao seu filho, que acabara de completar quatro anos de idade. Começou a cantarolar uma velha cantiga para Luiz, na tentativa de acalmá-lo, mas foi interrompida pelo bandido, que mandou que ela se calasse e prestasse atenção ao volante. Alice estava desesperada, principalmente quando constatou que estava sendo acompanhada pela moto que a abordara e por um carro com mais três indivíduos.

De tempos em tempos, a moto passava pelo carro de Alice, apenas para lhe lembrar que ela estava sendo vigiada e que não fizesse nenhuma tentativa de escapar. De modo similar, o carro a acompanhava de perto, piscando o farol para também lembrá-la de que ela não estava sozinha.

Quando o carro parou no sinal seguinte, Luiz, que se encontrava bastante assustado, voltou a chorar de tal modo que Alice entrou em pânico. Ela realmente temia que o bandido pudesse bater nele, algo diante do qual ela não sabia como reagiria. O sequestrador que demonstrava visível impaciência diante da choradeira de Luiz, gritou com a criança e, apontando a arma para a cabeça de Alice, ordenou-lhe que não mais olhasse para trás e que cuidasse apenas do volante.

Assim que o sinal abriu, o marginal ordenou a Alice que saísse logo, mantendo a pistola engatilhada em sua nuca.

Repentinamente, um veículo avançou o sinal contrário, cruzando a frente do carro de Alice, forçando-a a frear abruptamente para evitar a colisão. Nesse momento, ao ser jogado para frente pela freada brusca, o marginal apertou o gatilho da arma, disparando-a. O projétil atravessou a cabeça de Alice e perfurou o painel do carro, banhando o para-brisa do veículo com sangue e pedaços de massa encefálica.

– Meu filho... – suspirou Alice ao cair morta sobre o painel do carro.

A confusão que se seguiu foi indescritível. Logo em seguida à queda de Alice, os dois veículos pararam ao lado de seu carro. Houve uma enorme discussão, que girou em torno do que fazer diante daquela situação. O líder da quadrilha berrava com o bandido que estava no carro de Alice, que tentava se desculpar, alegando ter sido um acidente. Os demais falavam em pegar Luiz e sair o mais rápido dali, ao mesmo tempo em que discutiam sobre a possibilidade do garoto lhes dar trabalho. A discussão rapidamente esquentou, os ânimos se acirraram, culminando com um tiro certo, disparado pelo chefe da quadrilha, no peito do assassino de Alice. Rapidamente, todos abandonaram o local do crime, fugindo em disparada, cada veículo em uma direção diferente.

Naquele triste cenário somente ficara o garoto e os dois corpos.

– Mamãe, mamãe, fale comigo! – gritava Luiz desesperado, enquanto tentava inutilmente se desvencilhar do corpo do assassino caído por cima dele – Eles já foram embora!

Até aquele momento Luiz ainda não se dera conta do acontecido. Na verdade, era muito difícil para uma criança daquela idade compreender o que era morte e o que aconteceria naqueles últimos instantes.

Poucos minutos depois, a polícia chegou, cercado o local do crime e tomando conta da situação. Flávio, o pai de Luiz, fora chamado e, meia hora depois, lá estava ele representando a personificação da perplexidade, diante daquele cenário lúgubre e desesperador.

Esse episódio violento foi a única memória que permaneceu viva durante muito tempo na mente do pequeno Luiz, que nunca conseguira compreender o que realmente havia se passado. Para ele nada justificava a morte estúpida de sua

mãe. A pobre criança não tivera uma noite de sono tranquilo nos meses que se seguiram.

Todas as noites Luiz sonhava a mesma cena: Alice cantolava sua cantiga predileta e repentinamente era interrompida por um estampido alto e seco. As palavras “*Meu filho...*” ecoavam e, normalmente, o menino acordava aos prantos, sem saber ao certo se aquilo tinha sido apenas um sonho ou se era a sua trágica experiência repetindo-se novamente. Tal foi o trauma de Luiz, que Flávio se viu forçado a interná-lo em uma clínica psicológica infantil para amenizar a dor de seu filho.

Flávio também ficou profundamente afetado com o fato. Todas as vezes que saía de casa tinha sérias dificuldades em afastar o medo de que alguém tentasse sequestrar Luiz. Esse era o preço que ele pagava pelo seu sucesso profissional e financeiro, ocorrido repentinamente nos últimos meses, como resultado de um trabalho realizado para uma empresa multinacional de mineração.

Os temores de Flávio cresceram a tal ponto que ele decidiu matricular Luiz em um colégio interno localizado em outro estado. A localização e os detalhes sobre esse colégio eram segredo mantido a sete chaves por Flávio. Na sua opinião, a separação de Luiz, que após a morte da mãe se apegara muito a ele, seria o alto preço a ser pago pela sua segurança.

CAPÍTULO 2

PESCARIA

Luiz já estava estudando no colégio interno há quase cinco anos e a sua rotina se mantivera praticamente inalterada durante todo esse tempo. A cada duas semanas, seu pai o visitava, levando-o a passeios nos finais de semana. Eram momentos mágicos, quando Luiz podia sentir, por um ou dois dias, a gostosa sensação de estar perto de um ente querido. Dos passeios que faziam, o que mais lhe agradava eram as pescarias. Era quando os dois ficavam a sós e se manifestava um intenso relacionamento entre pai e filho.

Aquele final de semana seria especial pois haveria um feriado na Segunda-feira seguinte e ele teria o seu pai somente para ele durante três dias inteiros. Eles já haviam combinado que passariam esses três dias acampados em uma região montanhosa com rios repletos de peixes.

Luiz esperara por esse dia como uma criança espera ansiosa a chegada de Papai Noel.

A Sexta-feira passou lentamente como que tentando esticar ao máximo a ansiedade de Luiz mas, finalmente, chegou a noite e com ela o pai de Luiz.

Cansado pela longa espera, Luiz estava muito sonolento, e por mais feliz que se encontrasse naquele momento, só conseguiu esboçar um fraco sorriso, dar um apertado abraço em seu pai, e em seguida, cair em seus braços em sono profundo.

Flávio estava ansioso para passar algum tempo com seu filho, e mesmo exausto com a viagem e todos os problemas que enfrentara durante aquela semana atribulada, decidira rumar para o local da pescaria ainda naquela noite, que se mostrava enluarada, o que contribuiria para uma viagem bastante tranquila.

Na manhã seguinte, ainda sonolento, Luiz acordou surpreso com o local escolhido por seu pai:

– Puxa papai, que lugar fantástico!

– Esta fazenda é de um amigo meu. – disse Flávio – Ele a emprestou por todo o final de semana prolongado e me disse que nós poderíamos ficar aqui no chalé do lago, onde há um cais e uma potente lancha. Segundo meu amigo, a geladeira e a despensa estão abastecidas, e assim, não precisamos nos preocupar com a comida.

Fantástico era uma das poucas palavras que poderiam descrever aquele lugar. Uma fazenda localizada em região serrana, cheia de árvores, pastos e um lago imenso, cuja água era constantemente renovada por um rio que descia de uma montanha próxima. Tudo naquele lugar era grandioso. Embora fosse uma região de montanhas, havia imensas áreas planas.

O lago era algo impressionante. Devido às suas imensas dimensões, mesmo com o desembocar do rio sua superfície

mantinha-se serena, como que um gigantesco espelho a refletir o firmamento. Levava-se quase uma hora para atravessá-lo de lancha, mesmo a uma velocidade considerável.

Flávio também explicou a Luiz que a área do lago era uma região exclusiva do proprietário e que ali nenhum dos empregados da fazenda iria importuná-los, principalmente pelo fato de haver uma série de obstáculos naturais que os dividia da área produtiva da fazenda.

– Papai, acho que estamos desperdiçando o nosso tempo apenas olhando para toda essa maravilha, que tal iniciarmos logo nossa pescaria?

– Calma, filho! Antes de mais nada precisamos nos alimentar. Vamos até a copa!

– Mas papai, eu não estou com fome! – disse Luiz, demonstrando claramente sua ansiedade pela pescaria.

– Tudo bem! Mas eu estou, e por nada nesse mundo, deixaria de beber uma bela xícara de café acompanhada de algumas torradas. Gostaria muito que você ficasse comigo enquanto tomo o meu café – disse Flávio, na tentativa de persuadí-lo a se alimentar.

Após mais alguma insistência, os dois foram até a copa e lá ficaram por quase uma hora, entre algumas beliscadas por parte de Luiz e uma longa conversa, para compensar o período em que ficaram sem se ver. Acabado o jejum, iniciaram os preparativos para a tão esperada pescaria.

Ao lado do chalé havia um grande galpão, um misto de oficina e garagem, onde também estava a lancha que seria usada na pescaria.

Por cerca de uma hora os dois entretidos ficaram nos preparativos para a pescaria. Tudo foi previsto nos mínimos detalhes: diversos tipos de iscas, anzóis dos mais variados tipos e modelos, um bom estoque de sanduíches, para que pudessem

ficar por conta do evento durante todo o dia.

Após terem preparado todo o material, desceram a lancha até a água, equiparam-na, embarcaram e deram a partida. O forte ronco dos potentes motores de popa quebrou o silêncio do local. Flávio observou que, uma vez escolhido o local da pescaria, seria necessário um considerável período de espera para que os peixes se recobrassem do susto decorrente do barulho da lancha e voltassem à normalidade. Isso não constituía nenhum problema para quem dispunha de todo o tempo do mundo, pensou Luiz.

A pescaria foi um tremendo sucesso e culminou com um banquete no fim da tarde, constituído de vários tipos de peixes assados. A fatura foi tamanha que mais da metade dos peixes capturados foram para o freezer. Era intenção de Flávio doá-los aos empregados da fazenda no dia em que fossem embora.

Depois da pescaria, tomaram um banho morno, colocaram roupas quentes e passaram a noite do Sábado do lado de fora do chalé. O céu limpo e a presença de uma Lua radiante destacavam os contornos das montanhas que definiam o horizonte. Fizeram uma grande fogueira para amenizar o frio que fazia.

Os dois se divertiram bastante contando diversas histórias. As que mais encantavam Luiz eram as histórias sobre seus primeiros anos de vida, quando ele, Flávio e Alice saíam para passear e o pequeno Luiz começava a mostrar sua personalidade, falando ou fazendo coisas engraçadas.

Toda aquela conversa, embora bastante divertida, causou uma profunda tristeza em Flávio, que muitas vezes sentia saudades dos tempos difíceis, porém bastante felizes, quando ele e Alice faziam planos para a chegada de Luiz e tentavam espremer o minguado orçamento doméstico para que

pudessem preparar o enxoval. Naquela época, seu trabalho como geólogo era duro, forçando-o a ficar semanas inteiras longe de casa. Mas todo o sacrifício pelo tempo em que ficava fora de casa era muito bem recompensado pelos momentos que passava junto de Alice.

A sua mudança de fisionomia chamou a atenção de Luiz que perguntou preocupado:

– Papai, está acontecendo algo? Você está triste?

– Não, meu filho. Eu apenas estou cansado e um pouco preocupado com os compromissos que me esperam na próxima semana! – Flávio tentou disfarçar sua tristeza, fazendo força para mudar sua expressão facial.

A manhã do dia seguinte surgiu acompanhada de um céu límpido, apresentando um sol radiante por trás da cadeia de montanhas que circundava o local. Os sons do alvorecer inundavam aquele belo cenário. Eram piados, gorjeios, trina-dos que se misturavam ao suave som do desembocar do rio nas águas do lago.

Os dois levantaram cedo na tentativa de aproveitar ao máximo aquele dia maravilhoso. Logo após o desjejum, Flá-vio fez uma proposta a Luiz:

– Tenho planos diferentes para o dia de hoje. Que tal nós variarmos um pouco e deixarmos a pescaria de lado?

– Papai, você bem sabe que eu adoro pescar mas também sabe que eu gosto muito mais de estar junto de você. Por isso, faça a sua proposta! – desafiou Luiz.

– Filho, como nós pescamos uma quantidade absurda de peixes ontem, achei que hoje poderíamos deixar os pobre-zinhos em paz. Estou pensando em irmos com o barco até a margem oposta do lago, próximo ao rio que nele deságua. Poderíamos fazer algumas explorações submarinas, já que nós também temos material de mergulho. Quando nos

cansarmos, poderemos esquiari, ou então, acampar na margem. O que você me diz disso?

– Legal! O que nós estamos esperando? – foi a resposta instantânea de Luiz.

O dia correu tranquilo. Após passarem toda a manhã e boa parte da tarde entretidos com a exploração submarina, resolveram passar o resto da tarde acampados nas proximidades da área explorada. Enfim, conseguiram fazer praticamente tudo o que haviam imaginado.

Quando o sol estava para se por, resolveram retornar ao chalé para guardar a lancha, tomar um banho e vestir roupas mais apropriadas, já que a região costumava esfriar muito durante a noite.

Aquela noite estrelada de Domingo seria a última em que passariam juntos por um bom tempo, pensou Luiz, disposto a aproveitá-la até o último instante.

Era quase uma hora da manhã quando Flávio propôs que fossem dormir, pois ainda tinham um dia inteiro pela frente, já que planejavam deixar a fazenda somente no início da noite de Segunda-feira.

CAPÍTULO 3

ACIDENTE

Os planos de Flávio e Luiz para aquele último dia foram frustrados logo ao amanhecer.

De uma noite estrelada e agradável, o tempo se torna fechado e sombrio. Embora a temperatura ainda se mantivesse alta, os ventos encrespavam a superfície do lago e espessas nuvens se formaram por toda a região.

Luiz acordara chateado ao ver que qualquer atividade fora de casa não seria possível, e tentando se animar, propôs ao pai uma alternativa:

– Papai, por que a gente não joga um game ou assiste a algo na TV?

– Acho uma boa ideia, mas esse tempo me preocupa. – foi a resposta apreensiva de Flávio.

– Por quê?

– Se toda essa água cair de uma vez, poderemos ter problemas com a estrada que é de terra e apresenta alguns trechos de difícil travessia.

– Pensando bem, acho que você tem razão. Talvez fosse bom fazermos as nossas malas. – disse Luiz visivelmente aborrecido.

Embora os dois tivessem concordado em sair naquela manhã, não se sentiram forçados a fazê-lo com tanta urgência pois, embora o tempo tivesse mudado muito rapidamente, tratava-se apenas de um tempo fechado com possibilidades de chuva forte, não havendo motivos para desesperos. Conscientes da necessidade de saírem mais cedo mas sem tanta pressa, fizeram um demorado lanche e depois iniciaram a arrumação de sua bagagem.

Cerca de uma hora mais tarde quando faltava apenas colocar as malas no carro e fechar a cabana, o céu já estava muito escuro. Repentinamente, começou a cair uma forte chuva, acompanhada de raios que iluminavam o céu cinza chumbo. As trovoadas ecoavam pelas montanhas que cercavam aquela região, lembrando as trilhas sonoras dos filmes de terror.

Rapidamente os dois concluíram as atividades que faltavam e partiram para a estrada. O céu muito escuro e a pesada chuva proporcionavam pouca visibilidade, dificultando bastante a condução do veículo naquela estrada lamacenta. De tempos em tempos, o céu era iluminado pelos relâmpagos que o riscavam de um lado a outro.

O veículo de Flávio era um utilitário com todos os recursos disponíveis no mercado, contudo pouco ajudou na travessia daquele caminho castigado pela grande quantidade de água, que caía do céu. Diversos foram os trechos em que, mesmo com a tração 4x4 acionada, o carro praticamente ficava imóvel ou se deslocava lateralmente sem conseguir avançar nenhum milímetro.

A estrada cuja travessia em tempo seco tomava uns dez a quinze minutos, já mantinha pai e filho presos por mais de

uma hora e meia. Era praticamente impossível prever quanto tempo a mais seria necessário para vencer o trecho restante daquela pista de obstáculos. Diversas foram as vezes em que Flávio se viu forçado a sair do carro para calçar uma das rodas com pedras ou para fazer uso do cabo de aço do guincho.

A travessia já durava quase três horas quando o fundo do carro bateu em algo que o prendeu, impedindo o seu avanço para qualquer direção. O veículo estava totalmente encalhado naquele mar de lama. Seria necessário sair do carro mais uma vez, pensou Flávio, que já se encontrava sujo de lama e bastante molhado pela forte chuva que ainda assolava o local. Mesmo tentando aparentar calma, Flávio já apresentava visíveis sinais de nervosismo, resultado da mistura de impaciência, cansaço e preocupação.

Seu maior temor era que, caso realmente atolasse, eles ficariam incomunicáveis por um considerável tempo, que poderia durar até mais de um dia, pois não dispunham de nenhum meio para pedir ajuda. O seu telefone celular de alcance global havia sido avariado ao cair numa poça de lama durante uma de suas inúmeras saídas para desencalhar o carro. A estrada estava intransitável, inclusive a pé, e não havia nenhuma moradia naquela área. Mesmo se buzinassem seria quase impossível que os empregados da fazenda, que moravam do outro lado da montanha existente naquela área, os ouvissem.

Previendo que aquela situação pudesse durar todo o dia, Flávio decidiu acionar o último recurso de que dispunha: o rastreador por satélite. Esse dispositivo estava ligado a um serviço de segurança pessoal que permitia a rápida localização do veículo e o imediato envio de uma equipe especializada para prestar qualquer tipo de socorro, em função do código de alarme enviado pelo rastreador. Os códigos podiam

ser de três tipos: quebra de veículo (para pedir socorro mecânico), acidente (para solicitar socorro médico) ou sequestro (para pedir apoio policial). Flávio acionou a opção de socorro mecânico e enviou seu pedido através do dispositivo. Dentro de algumas horas eles estariam livres daquele pesadelo, imaginou Flávio.

Naquela situação, Flávio decidiu aguardar até a chuva parar, ou pelo menos diminuir, pois de nada adiantaria sair do carro em busca de algo que pudesse ser usado para soltar o carro. A chuva estava muito forte, e aparentemente, não havia nada útil no meio do lamaçal que os cercava.

Uma hora depois a chuva parou, como que por milagre. Flávio, que estava cochilando todo encolhido junto à porta do carro, foi acordado por Luiz:

– Papai, papai, a chuva parou! Vamos ver o que poderemos fazer para sairmos daqui.

– Fique aqui dentro! – respondeu Flávio – Eu já estou bastante molhado e basta um só! Eu não gostaria de saber que o meu filhão está correndo risco de pegar uma gripe ou algo parecido.

– Mas, papai ...

– Meu filho, você será muito mais útil aqui, pois assim que eu encontrar algo onde possa amarrar o cabo de aço, precisarei que você acione o guincho e tome conta do volante para ajudar a desencilhar o carro.

Ao sair, Flávio constatou que a temperatura havia caído bruscamente, o que era uma característica típica daquela região. Retornou ao carro para tirar sua camisa úmida e trocá-la por uma outra seca e mais quente. Ao tirar a camisa, Flávio percebeu uma espécie de arrepio, sentindo parte dos pelos de seus braços e costas se eriçarem. Acreditando ser apenas a sensação de frio, não deu muita importância ao fato, saindo à

procura de uma árvore ou algo onde pudesse amarrar o cabo de aço do guincho.

O céu, ainda muito escuro, era riscado vez ou outra pelos relâmpagos seguidos de estrondosas trovoadas. A cerca de uns vinte metros do carro, Flávio encontrou uma formação rochosa onde, com um pouquinho de jeito, seria possível prender o cabo de aço. Mas seria necessário achar uma forma de amarrar o cabo, pois as pedras eram enormes e não havia cabo suficiente para contorná-las. Ao encontrar uma fenda entre duas grandes pedras, ele teve a ideia de passar o cabo por ela e prendê-lo em algo, tal como uma chave de roda ou qualquer outra ferramenta que pudesse manter o cabo preso. Retornou ao carro para procurar alguma ferramenta que se adequasse à sua necessidade.

Enquanto procurava na caixa de ferramentas, Flávio sentiu novamente aquela sensação de arrepio, levando-o a concluir que poderia ser devido à grande quantidade de nuvens extremamente carregadas de eletricidade estática que estavam sobre a região. Como tinha muito que fazer, Flávio desviou sua atenção para a busca da ferramenta desejada. Após remexer sua caixa de ferramentas, encontrou uma barra de ferro usada para o acionamento do macaco hidráulico do carro. Concluiu que aquela barra daria conta do recado.

Ao se afastar do carro com a barra de ferro na mão, aconteceu o inesperado.

Subitamente, um forte raio atingiu Flávio, fulminando-o instantaneamente. O clarão iluminou a região como um gigantesco flash fotográfico, contribuindo mais ainda para fixar aquela cena terrível nas retinas de Luiz, que assistira impassível a tudo.

O estrondo foi ensurdecedor somente comparável ao desabamento de grandes geleiras glaciais. Era como se o céu

tivesse desmoronado e caído naquele local. O deslocamento do ar foi tal que sacudiu violentamente o carro em que Luiz estava, como se alguém tivesse batido nele.

Luiz estava alheio a tudo isto, olhando fixamente para o local onde instantes atrás estava o seu pai, vivo, cheio de energia e com o firme objetivo de desatolar o carro. Agora ali jaziam os restos de um corpo carbonizado, completamente desfigurado e cujas partes eram difíceis de identificar.

O pobre Luiz não conseguia pensar em nada, fora totalmente tomado por uma profunda sensação de perda que lhe dava a impressão de que uma enorme cratera se abrira sob os seus pés. Era demais para a cabeça de uma criança com o passado de Luiz, que só conseguia continuar olhando fixamente para o local do acidente, e de vez em quando, balbuciar palavras quase inaudíveis:

– Papai, papai...

Luiz ficou inerte dentro do carro sem condições de desenvolver nenhum pensamento lógico.

Para ele não havia mais nada a fazer a não ser esperar que o mundo se acabasse, e junto com ele, o seu sofrimento. Nesta condição de total impassibilidade, alheio a tudo o que se passava a sua volta, Luiz permaneceu com seu olhar fixo no local do acidente durante todo aquele dia.

As horas se passaram, a noite chegou e Luiz continuava imóvel, na mesma posição e com o mesmo olhar fixo sem a mínima consciência de que não havia mais nada para ser visto, apenas a escuridão que circundava o carro.

CAPÍTULO 4

TRAUMA E RECUPERAÇÃO

E.....